

## SUBLIMAÇÃO: UM POSSÍVEL CONTORNO PARA O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

*SUBLIMATION: A POSSIBLE CONTOUR FOR CONTEMPORARY DISEASE*

DOI [10.5281/zenodo.7945334](https://doi.org/10.5281/zenodo.7945334)

Marcio Garrit<sup>1</sup>  
Vivian Reis<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo desenvolver uma breve análise da contemporaneidade, além de abordar os engodos ofertados pela mesma, que se apresentam como tessituras para o impossível do laço social, tendo em vista que a cultura é construída sobre a renúncia das pulsões, gerando mal-estar. Com isso, discorreremos, a partir de Freud e Lacan, a melhor possibilidade de minoração do mal-estar, pois, é devido ao viés sublimatório que se vislumbra uma possibilidade saudável de um adiamento de prazer em prol da segurança e mitigação dos desejos inconscientes insatisfeitos. Afinal, desde os prelúdios de Freud, articula-se que, diante do objeto perdido, cada um deverá, à sua maneira, descobrir a forma de se realizar, pois é quase impossível conciliar as exigências da pulsão sexual com as da civilização.

**Palavras-chaves:** Cultura; contemporaneidade; mal-estar; pulsão; sublimação.

### ABSTRACT

This article aims to develop a brief analysis of contemporaneity, in addition to addressing the lures offered by it, which present themselves as fabrics for the impossible of the social bond, considering that culture is built on the renunciation of impulses, generating discomfort. With that, we discuss, from Freud and Lacan, the best possibility of alleviating the malaise, because it is due to the sublimatory bias that a healthy possibility of a postponement of pleasure in favor of security and mitigation of unsatisfied unconscious desires is glimpsed. Since Freud's preludes, it has been articulated that, in the face of the lost object, each one will have, in their own way, to discover the way to achieve it, since it is almost impossible to reconcile the demands of the sexual drive with those of civilization

**Keywords:** Culture; contemporaneity; malaise; pulse; sublimation

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup>Psicanalista e professor, doutorando em Psicologia clínica pela PUC/RJ, mestre em Psicanálise, saúde e sociedade pela UVA/RJ e bacharel em Filosofia pela Unisul/SC e membro associado da SPID/RJ  
E-mail: [marciogarrit@yahoo.com.br](mailto:marciogarrit@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Psicóloga (CRP: 33013-5), professora, psicanalista e psicopedagoga; doutoranda em Psicanálise, saúde e sociedade pela UVA/RJ; mestra em Psicanálise, saúde e sociedade pela UVA/RJ e bacharel em Psicologia pela UNESA/RJ. E-mail: [vreis.rj@hotmail.com](mailto:vreis.rj@hotmail.com)

Percebe-se que, desde o início de seus escritos, Freud já demonstrava sua preocupação com os meandros culturais. Tal constatação é nítida em seu texto, ainda em 1908, chamado *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*. A partir daí, percebe-se uma relação de conciliação entre sujeito e cultura, e tais observações caminham até 1938 em seus escritos sobre Moisés e o monoteísmo. Relacionar o sujeito ao meio cultural de forma tão complexa como Freud fez, orienta-nos a um olhar mais apurado as causas e consequências dessa relação subjetiva.

Em “*O mal-estar na cultura*”, de 1929, Freud faz uma pontuação que ainda nos serve de base para análise do contemporâneo – ele afirma que “o que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, [...] É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes” (FREUD, 1930, p.29). E é devido a essa busca que, notoriamente, não mudou, que o sujeito da contemporaneidade se estrutura no laço social. Obviamente que, também, da mesma forma que já apontado pelo criador da psicanálise, no texto em questão, ao definir os três maiores mal-estares com os quais o sujeito tem de lidar, sendo o pior o relacionamento com o outro. Sendo assim, partiremos de uma análise da contemporaneidade para um melhor apontamento de como o mal-estar se atualiza nos dias de hoje e, posteriormente, de acordo com o próprio Freud, lançando mão de um artifício, que, segundo ele, é a melhor saída para se haver com os enlaces mortíferos desse impossível do laço que é a sublimação.

Freud, a partir de 1915, em seu texto *A pulsão e suas vicissitudes*, começa a elaborar o conceito de pulsão e suas vicissitudes. Após a análise do contemporâneo, iremos discorrer, tomando como base Freud e Lacan, como essa saída pulsional pode, por meio da criação – principalmente, nortear o sujeito em seu desejo a ponto de impedir a desestrutura do social e de si próprio. Pretendemos, com isso, evidenciar a importância que os mecanismos de incitação à produção cultural têm em minorar o sofrimento do sujeito frente ao seu gozo.

## 2 AS DIFICULDADES DAS RELAÇÕES NO CONTEMPORÂNEO

O que interessa ressaltar é a convicção de Freud de que a razão serve também ao mal (FUKS, 2014<sup>3</sup>).

---

<sup>3</sup>FUKS, B. “O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios. O desvelar de um assassinato”. *Coleção passo a passo*. Nina Saroldi (Org.). 1.ed. RJ: Zahar, 2014, p. 183.

De acordo com Saroldi (2015), o sujeito é contrário à liberdade do outro em relação à sua, e isso acaba por explicar as origens das guerras, ou seja, tentar conciliar as vontades de uns em relação a outros. A vontade do sujeito nem sempre se harmoniza com os valores culturais e, dessa forma, torna-se uma grande questão a conciliação do sujeito com a civilização. Supondo o ser pulsional da psicanálise, onde a felicidade<sup>4</sup>, individual ou coletiva, não é algo garantido, coube a Freud demonstrar os caminhos para as saídas paliativas e as fontes mais comuns de sofrimento a serem encontradas na cultura. “Ao mesmo tempo, [...] compara o desenvolvimento da vida humana em sociedade ao de um indivíduo” (SAROLDI, 2015, p. 21). Com isso, demonstra a forte ligação entre elas.

A preocupação de Freud sobre a conciliação dos desejos humanos com a cultura ainda permanece em voga atualmente. Os progressos culturais colocam o sujeito em outro nível de escolha e, com isso, acabam por trazer novas manifestações pulsionais. Segundo Saroldi (2015), “a psicanálise evidencia aquilo que a cultura de hoje absolutamente não quer saber”: a relação da renúncia pulsional com a construção da mesma. Isso fica nítido ao analisarmos as questões ambientais, excessos de consumo, adicções etc.

A sublimação, de acordo com Freud (1915), possibilita a realização de importantes atividades para o desenvolvimento desta e, assim, fica “impossível não reconhecer o quanto a cultura é construída sobre a renúncia das pulsões, [...] seja pela repressão ou opressão” (SAROLDI, 2015, p. 97). Esse processo de privação não é fácil e muito menos facultativo, porém, é afirmado por Freud, ao longo de sua obra, como o mais feliz. Tal possibilidade, apesar de ser um tanto quanto seletiva, será trabalhada mais adiante como um amenizador do sofrimento.

Ao verificarmos a diminuição da possibilidade do sujeito em conciliar as exigências pulsionais com as exigências culturais, tal quadro coloca grande risco para ambos, pois a cultura exige renúncias. A não conformação com o sacrifício pulsional em favor da segurança coletiva gera desregulamentação e desengajamento. A busca intensa pela satisfação de desejos faz com que esse sujeito considere que o outro deva ser apenas sua eterna plateia.

No mundo atual, a liberdade individual ocupa o lugar principal na hierarquia de valores; é ela que mede todos os outros valores e decide a respeito da qualidade de todas as regras e leis que transcendem o indivíduo. Dito de outro modo, qualquer norma de validade universal precisa ter o cuidado de não ferir suscetibilidades individuais; exigências que é em si mesma contraditória e,

---

<sup>4</sup> O termo “felicidade” não é definido na obra de Freud, dessa forma, iremos nos referir ao mesmo como algo que possibilite o laço social e a não destruição da cultura e do sujeito.

naturalmente, impossível de ser atendida, salvo por um feliz acaso (SAROLDI, 2015, p. 134).

Percebemos, assim, que a busca do sujeito contemporâneo se diferencia do sujeito moderno justamente pela sua conceituação de liberdade, pois, para aquele, esse conceito se associa diretamente a uma busca de prazer sem freios. O sujeito moderno se preocupava com sua segurança e, com isso, sacrificava sua liberdade; o contemporâneo visa ao oposto.

Em uma leitura de *Slavoj Žižek e Lacan*, Saroldi (2015) faz a seguinte articulação: Para Žižek, o supereu tem agido na contemporaneidade por meio de novas exigências devido à passagem de uma sociedade hierarquizada, para a de consumo, onde os papéis se invertem. Esse supereu pós-moderno acaba por se tornar uma instância que nos obriga a sentir prazer por aquilo que somos obrigados a fazer, mediante a manipulação e sedução da culpa, e não da autoridade moral ou jurídica. “No supereu atual, [...] a ordem de sentir prazer em cumprir o dever se confunde com o dever de sentir prazer” (SAROLDI, 2015, p.137). Já para Lacan, o supereu era o a barra do gozo e agora é o mandante do mesmo. Ou seja, saímos de uma sociedade de produção que precisava dessa instância do supereu interditando o gozo e manipulando a culpa, para outra que precisa que essa mesma instância incite o gozo ilimitado e que, “por isso mesmo, não pode ser satisfeito por nenhum objeto possível. Gozar, portanto, se torna um verbo intransitivo na sociedade na qual o grande negócio é negociar sempre” (SAROLDI, 2015, p. 137).

Partindo da premissa da busca infundável da satisfação, acabamos por ter uma cultura totalmente narcisista e consumista, que superdimensiona qualquer perda. Uma sociedade em que a preocupação é não perder nada e acumular tudo, principalmente aquilo que não for consumir, o problema se dá a partir daí, pois “contra as perdas inevitáveis, surgem novas fantasias de onipotência” (SAROLDI, 2015, p.146).

Essas perdas nos confrontam com a castração e o desamparo fundamental. Pode-se, devido a essa relação problemática com a possibilidade de perda, fazer alguma analogia com a depressão do sujeito pós-moderno. Sendo assim, o que se mostra de mais urgente na cultura atualmente é a ruptura “do laço social que une a onipotência imaginária, de um lado, à depressão, do outro” (SAROLDI, 2015, p.167).

No mundo atual, uma crescente evolução tecnológica nos leva a uma reflexão a respeito da relação intelectualidade VS subjetividade. Freud (1932), em uma correspondência com Einstein, afirma que o intelecto, uma vez fortalecido, poderia coordenar a vida pulsional e a diminuição da tendência violentados sujeitos. Tal afirmação, uma vez articulada com a

contemporaneidade, nos leva a questionamentos mais amplos. De acordo com Fuks (2014), o crescimento intelectual dos sujeitos ao longo da história não trouxe apenas benesses. Os avanços do desenvolvimento científico e tecnológico “concedem poderes desmesurados ao homem moderno [...] capazes de mergulhar a civilização na barbárie” (FUKS, 2014, p. 183). Desde os feitos nazistas e seus campos de concentração, isso fica claro, pois vemos uma tecnologia estruturada a favor da destruição e não do bem-estar social. “Na contemporaneidade, o ideal da sociedade perfeita, herança do ideal da “raça pura”, retorna, mais vivo do que nunca, sob os auspícios da medicina e da genética. Caminharemos para uma exterminotocracia sob os auspícios da “biologização” da vida?” (FUKS, 2014, p.186).

Fuks (2014) lança uma análise inquietante a respeito do laço social ao apontar o desenvolvimento científico e tecnológico a favor de um conceito “correto” de vida na sociedade contemporânea. O sujeito se coloca em uma sujeição quase hipnótica em relação ao consumo desvairado, ao afastamento da sua subjetividade e aos instrumentos necessários para construção do seu pensamento crítico. Analisando Foucault, ela afirma que o biopoder encontrará cada vez mais espaço para se desenvolver, reduzindo o sujeito e o privando da sua capacidade de fala e sustentação do seu desejo, e a biopolítica terá um terreno fértil, com isso, de controlar cada vez mais as massas.

Ainda a respeito da contemporaneidade, poderíamos afirmar que, como tudo se inicia com o mito científico de Freud em *Totem e tabu*, finalizamos com a inversão desse conceito que acaba por mostrar as novas formas de constituição da cultura e a crescente dificuldade da estruturação dos laços sociais. No seu mito científico, Freud institui duas interdições totêmicas: assassinato e incesto. O assassinato do pai da horda possui uma importância social, pois gera a renúncia do objeto de desejo incestuoso pela culpa. O pai se torna mais poderoso, depois de morto, e seus filhos tomam para si a proibição anterior ao ato. O pai marca-se na civilização como o que interdita o desejo. Sendo assim, o tabu persiste na civilização, com o totem desaparecido.

Koltai (2010), analisando o trabalho de Zaltzman a respeito do livro de W. Golding, *O senhor das moscas*, de 1954, aponta que algo de novo poderia estar acontecendo no social; assim como no livro, uma sociedade em regressão coletiva poderia estar se formando, desembocando em uma ruptura na civilização. “O movimento contrário à regressão do indivíduo numa massa unida apenas pelo desejo de matar” (KOLTAI, 2010, p. 115). Nessa fantasia, o ódio se mostraria sem ambivalência, em uma horda não freudiana: “não é uma sociedade que está regredindo para um estado anterior de barbárie, e sim uma civilização que

acaba por instaurar uma nova organização social, a da horda sem pai, a do clã totêmico sem tabu, a do ódio sem ambivalência” (KOLTAI, 2010, p. 116).

Apesar da hipótese de uma nova cultura sem a ambivalência ser consideravelmente trágica, há aspectos do real na contemporaneidade que não nos deixam ignorar tal teoria. Fuks (2014) aponta o terrorismo como um instrumento, uma realidade fundamentalista, de violência cultural de consequências traumáticas e destrutivas para a humanidade. Os três fundamentalismos (Islâmico, judaico e cristão) “têm em comum a adesão a um conjunto de ideias teológicas que funcionam como ideologia, aliadas à prática terrorista” (FUKS, 2014, p. 188). Essas práticas colocam o outro no papel de “maldito” e com isso justificam o terror praticado.

Para Rocha, o fundamentalista interpreta os livros sagrados de forma literal e acredita que os mesmos trazem a vontade divina, e assim não conciliam o tempo em que esses livros foram escritos com o tempo atual. Ou seja, seguem “sem admitir que eles possam ser renovados, ou atualizados, para responder às exigências das transformações históricas e culturais que, espontaneamente, acompanham a marcha da História da Civilização Humana” (ROCHA, 2014, p.764).

Do ponto de vista da psicanálise, observa-se nos três fundamentalismos o abandono efetivo do processo de transmissão da herança arcaica que cada sujeito individual ou coletivo deve conquistar. Em acréscimo ao que já dissemos anteriormente, o fundamentalismo destrói a força da narrativa de sua verdade histórica. Essa questão é grave, pois, nessas condições, o retorno do momento mítico de fundação da linguagem – em sua função de exigir do sujeito um trabalho de elaboração subjetiva – está totalmente impedido. Já conhecemos as consequências maiores desse impedimento: submissão do indivíduo a uma imagem especular marcada pela crença em uma determinada visão de mundo (FUKS, 2014, p.190).

Percebe-se que o retorno da religião é fruto de um fracasso da modernidade, e, por isso, ela retorna com uma face fundamentalista na vida individual, social e política. “Por esta razão, igualmente, o fundamentalismo religioso desdobra-se, quase sempre, em um fundamentalismo político” (ROCHA, 2014, p. 763). Com a conciliação do campo político com o religioso e seus ideais fundamentalistas, a diferença passa a ser vista de forma demonizada, e a autoridade política se confunde com a autoridade de Deus, já que sua representação é tida como a mais pura representação da vontade divina. “A política cede lugar à violência como purificação do mal e os políticos passam a assumir o papel de profetas, chefes infalíveis, intérpretes da vontade divina” (Rocha, 2014, p. 763). O fundamentalismo religioso e o fundamentalismo político se

conciliam facilmente por pertencerem à mesma lógica ideológica. A ideologia é um tipo de doutrina que oferece respostas para questões na vida social e individual. Também podemos considerar como ideologia “toda crença usada para o controle dos comportamentos coletivos” (ABBAGNANO, 2012, p.533). Partindo dessa lógica, essas ideologias fundamentalistas fundidas no campo político e religioso acabam por ser vistas como dogmas irrefutáveis e protegidos de quaisquer argumentos contrários.

Vemos que o fundamentalista, para a psicanálise, é necessariamente um narcisista em uma relação complexificada com seu Eu ideal. As crenças carregam verdades absolutas e, assim, o sujeito se considera melhor que os outros. “O fanatismo de suas crenças religiosas define também seu estilo de vida familiar e social, bem como seus valores éticos” (ROCHA, 2014, p.767). Até nos casos em que a vida é sacrificada por seus ideais, tal opção não deve ser vista como uma desistência de sua ambição narcísica, pois “eles renunciam ao desejo de viver sobre esta terra, porque acreditam que uma nova vida os aguarda além da morte, na qual todos os seus desejos serão plenamente satisfeitos” (ROCHA, 2014, p. 768).

Percebemos que, devido ao seu descontrole pulsional, os sujeitos não cessam de encontrar maneiras de se colocarem à frente do outro para suas satisfações pessoais, fazendo com que as estruturas possíveis de laço social se tornem cada vez mais sensíveis e ameaçadas. A partir de agora, cabe-nos realizar um maior aprofundamento sobre o papel do mal-estar no laço social; para Freud, a terceira fonte de mal-estar e o mais difícil de controlar.

Eros, o amor, deve ser entendido como uma possível solução para o desamparo, porém, essa solução não cessa de se mostrar como uma ilusão. “A ilusão tira sua força de um dos mais prementes desejos da humanidade: a necessidade de proteção através do amor” (CECCARELLI, 2009, p. 34). Na teoria Freudiana, encontramos diversas formas de fugir das situações de desamparo ao longo da vida; ao se deparar com a angústia, buscamos abrigo interna ou externamente em nossas construções simbólicas e imaginárias. Os laços sociais, oferecido pelo mundo externo, são parte disso. “Nesta perspectiva, os laços que estabelecemos para lidar com o desamparo psíquico variam segundo a cultura e o momento histórico. Todos nós, à nossa maneira, estamos sempre em busca de utopias na esperança de que elas nos tragam de volta o Paraíso perdido” (CECCARELLI, 2009, p. 35).

Freud, por um momento de sua obra, de acordo com Ceccarelli (2009), acreditava que a ciência e a razão poderiam administrar o pulsional. “O recalco retornaria sob um modo aceitável pelo grupo (sublimação), fazendo com que, por um lado, o sujeito perca ao privar-se de uma satisfação pulsional, mas, por outro lado, a cultura, o grupo ganhem” (CECCARELLI, 2009, p. 37). Partindo de sua análise de *Totem em Tabu*, a terceira fase da

evolução do pensamento, a científica, teria essa função de adequar os sujeitos a uma cultura mais evoluída. Porém, a partir de 1915, Freud escreve um texto chamado *Reflexões para os tempos de guerra e de morte*, no qual inicia mudanças radicais nesse ponto de vista, até que, em 1920, ele insere na sua teoria psicanalítica o conceito de “Pulsão de morte”. A guerra o levou a abandonar seus ideais em relação à terceira fase da evolução do pensamento e do progresso; a “capacidade da ciência em fornecer melhores condições de vida desmorona-se quando Freud é obrigado a reconhecer que as nações em guerra são, justamente, as mais “civilizadas” (CECCARELLI, 2009, p. 38). Além disso, até os homens mais sábios também regrediam ao estado de barbárie.

O retorno do recaiado, que provoca a perda das aquisições culturais e a volta às condições primitivas, joga por terra suas hipóteses relativas a uma evolução da humanidade a partir de aquisições, aprimoramentos e transmissões de seu capital filogenético. “A própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje” (CECCARELLI, 2009, p. 38).

Sendo assim, vimos com Ceccarelli (2009) que mesmo que haja um constante crescimento de objetos de satisfação ou métodos de repressão, nada disso cessará os conflitos entre os sujeitos. Os métodos de evitação do sofrimento não são passíveis de serem transmitidos e, com isso, cabe aos sujeitos um eterno recomeçar em suas vidas. “O trabalho de cultura nada mais faz do que criar estratégias (aparentemente novas) de recalque e repressão que mascaram o mal-estar (*Unbehagen*) inerente à cultura” (CECCARELLI, 2009, p.38).

Apesar de todos os meandros notadamente complexos que o laço social nos traz, seja contemporâneo ou não, Freud nos aponta uma saída menos trágica de todos os cenários do impossível do laço. Tal saída nomina-se sublimação, como já dito anteriormente. O criador da psicanálise mostra-se preocupado em entender o funcionamento do aparelho psíquico desde seus primeiros escritos, ainda no século XIX, e é em 1915 e 1920, nos textos: “A pulsão e suas vicissitudes Freud” (1915) e “Além do princípio do prazer Freud” (1920), que ele vai articular esse movimento pulsional como o mais feliz. A partir de agora, discorreremos, em Freud e Lacan, como esse mecanismo se dá e o que ele possibilita em relação a um melhor gerenciamento dos conflitos psíquicos individuais e as mazelas coletivas, apresentando a via da elaboração criativa como algo possível da fuga do desamparo existencial e contemporâneo.

### 3 SUBLIMAÇÃO: COMO SE DIZER O INDIZÍVEL

“A arte não reproduz o visível; ela torna visível”.

Klee<sup>5</sup>

Sabemos que a falta é parte constitutiva do ser humano, e que o desejo não cessará de insistir, cabendo às pulsões a descarga pulsional parcial, tomando quase que aleatoriamente seus objetos substitutivos. Porém, o encontro do sujeito com a arte, pela via sublimatória, faz uma obturação a essa dinâmica de forma a viabilizar a sustentação das dificuldades do existir. A partir de agora, deter-nos-emos a declinar os meandros do funcionamento pulsional, focando o encontro do sujeito com a arte. Acreditamos, tomando como base as afirmações de Freud, que, por mais que haja um impossível no laço, sempre haverá um encontro do sujeito com uma forma mais conciliatória de existir.

Segundo Mendes (2011), a sublimação, que produz a arte, é um dos destinos da pulsão. Para abordá-la, vamos aportar inicialmente à teoria das pulsões, que tem sua emergência no texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905, e é revisitada ao longo da obra freudiana por mais de uma década. Neste texto, inicia-se o conceito de *Trieb* (Pulsão), que significa o broto, força germinativa; impulso, impulsão, propulsão. É a forma originária do querer. Pulsão é uma fonte de energia inesgotável, uma exigência de trabalho, como a nascente de um rio, o núcleo de um vulcão, é aquilo que nos move, pulsa, é um conceito limite entre o corpo e o psíquico. É a exigência de trabalho (lazer, amar, dormir, trabalhar etc.) que o corpo faz à mente. “Um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.” (FREUD, 1915, p. 122)

De acordo com Mendes (2011), escrevendo sobre o mal-estar na Civilização (1930), Freud elucida sobre a renúncia pulsional que os seres humanos fazem, para que a civilização possa sobreviver. E questiona-se: “o que pedem eles da vida, e o que desejam nela realizar? Lutam pela felicidade, querem ser felizes e assim permanecer” (FREUD, 1930, p.94).

Na sua busca de tornar suportável a dura vida cotidiana, há três medidas possíveis: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz da nossa desgraça; satisfações substitutivas; e ainda substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis à aspereza da vida. Mas, Freud diz também que a intenção de que o homem seja feliz não se encontra incluída no plano da criação. Entre as possíveis saídas para o ser humano, lista várias hipóteses: a intoxicação através das drogas; técnicas de autodomínio como a yoga; o isolamento da

---

<sup>5</sup>KLEE, Paul. **Diários**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

realidade, como um eremita; a adesão a grupos religiosos sectários; o amor sexual e a paixão; a fruição da beleza; a fuga para a enfermidade; a neurose ou até mesmo a desesperada tentativa de rebelião que se vê na psicose. A sublimação aparece nessa lista como uma reorientação dos objetivos pulsionais de maneira tal que eludam a frustração do mundo exterior. Ela vem trazer a realização pelo trabalho psíquico e intelectual. (MENDES, 2011, p.10).

Quando isso ocorre, o destino pouco pode fazer contra nós. A alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em resolver problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial (FREUD, 1930, p.87).

Para Mendes (2011), esse método salienta uma tentativa de independência do mundo externo, mediante o contentamento pelo viés dos processos psíquicos. À frente das satisfações obtidas por meio da fantasia, aparece o desfrute pelas obras de arte, desfrute este que, por intermédio do artista, torna-se possível inclusive para àqueles que não são criadores. Com sua lucidez habitual sobre as tentativas de eludir o mal-estar, Freud afirma: “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (FREUD, 1929, p.90):

Uma pulsão, acha-se sublimada quando visa um novo alvo não sexual ou objetos socialmente valorizados. As atividades sublimatórias, segundo a ótica de Freud, são constituídas pela atividade artística, pela pesquisa intelectual e pela prática de esportes. A falta de uma teoria acabada sobre a sublimação permite que o termo seja, muitas vezes, distorcido e transformado em bandeira de uma teoria que se liga à normatização da sexualidade. A teoria Freudiana, porém, não autoriza esse reducionismo psicologizante e o conceito de sublimação deve ser considerado em profundidade, respeitando-se suas nuances (JORGE, 2008, p.151).

Continuando, Mendes (2011) lança que o viés sublimatório consiste, pois, em um dos destinos inerentes da pulsão, sendo este um estímulo mental com constante poder de pressão, que visa a satisfazer-se. Kallas (2010) nos apresenta que “o conceito de pulsão se situa no limiar entre o somático e o psíquico, sendo um limite de continentes, terra e mar, corpo e linguagem, volúpia da carne e volúpia da alma”.

Com a arte, que é uma das atividades sublimatórias, o homem pode manifestar seus sentimentos, angústias, tristezas, ódio e sexualidade. Faz-se uma ferramenta frente ao mal-estar, inclusive, contemporâneo. A arte tem uma função social, de resgatar histórias e mudar vidas. O conceito de arte refere-se ao belo, que remete beleza. Desde a caverna produz-se arte. A mão numa caverna, um animal desenhado numa parede, uma dança em volta da fogueira. A

obra de arte traz um arranjo para a humanidade. Narram-se histórias, vive e revivesse fatos, retificam-se tensões, possibilitando assim, o balizamento de um adocimento psíquico.

Segundo Quinet (2019), nas artes cênicas, por exemplo, a finalidade da tragédia, segundo a definição clássica de Aristóteles, é proporcionar a catarse da compaixão e do temor. Catarse, longe de ser eliminação, é, antes, depuração, delineação, acentuação desses afetos, que são as manifestações da angústia no espectador. Este o experimenta não para livrar-se dele e, sim, para vivenciá-lo por meio da identificação com o herói trágico. Se ele se identifica totalmente, sentindo que o herói poderia estar vivendo, ele tem medo, horror e se angustia; caso não se identifique totalmente, ele sente pena, dó, compaixão do protagonista. Essa definição clássica aristotélica pode ser generalizada para toda representação. No entanto, a especificidade dessa forma de arte não é fazer o espectador sofrer e, sim, obter o prazer estético. Trata-se de fazer o espectador experimentar esses afetos com prazer, com entusiasmo. É esse gozo mesclado de dor e prazer que Freud chamou de *Genusse* Lacan, propriamente falando, de gozo. Esse gozo experimentado não é desvinculado da verdade e de algum saber transmitido durante um espetáculo (QUINET, 2019, p.76).

Para Freud (1906), a superação da dor provocada pela identificação com o artista é motivada inconscientemente pela realização de desejos inconscientes, ou pouco confessáveis, que a arte permite impunemente ao espectador. A criação artística mitiga desejos inconscientes insatisfeitos, como se fosse uma modalidade da realização de desejos.

Quinet (2019, p.86), em sua obra, coloca que, diante do terror e do temor que o espectador experimenta, é de seu próprio desejo, e a arte leva o sujeito a defrontar-se com ele, promovendo não a defesa, como seria o caso do neurótico, e, conseqüentemente, o sintoma, mas, sim, para além do terror e do temor, o entusiasmo, o prazer estético. A arte não tem como objetivo causar o sofrimento e, sim, o prazer e o despertar. Essa é a condição da arte: transformar o sofrimento em prazer ou, melhor, promover o gozo – que é satisfação para além do princípio do prazer que possibilita extrair prazer da dor da tragicidade que se apresenta.

Todas as variações de sofrimento são temas do drama artístico, mas, quando se trata verdadeiramente de arte, o espectador tem que extrair delas um prazer e, daí, resulta a primeira condição da criação artística: não fazer sofrer o espectador.

Ao sublimar, não idealizamos, não fazemos sintomas, nem inibições, encontramos uma liberdade, um encontro com a singularidade, inventamos e criamos uma saída “feliz” para essa energia pulsional. A partir do trabalho intelectual, artístico e até mesmo esportivo, é possível acalmar desejos insatisfeitos. A criação transforma o sofrimento em prazer, em gozo, pelo fato de trabalhar o real, a angústia. Pela sublimação, ressignificamos a dor, temos a

possibilidade de outro significado, damos nome ao inominável. A criação sutura e contorna o vazio, possibilitando um enlaçamento, trazendo notícias de possíveis contornos para a reestruturação do laço social, tão comprometido na contemporaneidade pela busca do prazer em prol da segurança.

Lucero (2013) lança que a sublimação, o objeto perdido se diminui, como veremos em objeto A. E a arte eleva um objeto à dignidade da coisa, este se colocando no lugar do que nos falta, ampliando o Eu, transformando a dor sólida em algo sublime. Possibilitando, assim, um contorno satisfatório para o mal-estar contemporâneo.

#### 4 POSSÍVEIS CONTORNOS PARA A REESTRUTURAÇÃO DO LAÇO SOCIAL

Para falarmos de objeto A, começaremos com a formulação de Freud sobre o Complexo *der Nebenmensch* no "Projeto para uma Psicologia Científica" de Freud (1895) devido ao estado de desamparo do organismo. Freud dirá no Projeto que na formação e desenvolvimento do Eu é da maior importância a busca da semelhança, marcada atentamente pelo grito/voz, que é uma forma de sublimar a necessidade.

[...]na medida em que, através da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta via de eliminação passa a ter, assim, a função secundária, da mais alta importância, de comunicação, e o desamparo inicial do ser humano é a fonte originária de todos os motivos morais (FREUD, 1895, p.32).

Segundo Martins (2001), desse agente da ajuda alheia, temos apenas a possibilidade de encontrar novamente o que foi fixado pelas representações a partir de sua marca. Essa fixidez é feita desde um funcionamento que se dá pela semelhança e ligação entre o motor e o linguístico.

De acordo com Martins (2001), é cabível pensar esse eu-função como algo primário, da inscrição de um modelo que permitirá, posteriormente, a elevação da imagem do semelhante na imagem semelhante. Apesar de esse eu-função ser inconsciente, sua composição a partir do outro possibilita pensá-lo como base das identificações do eu, e sujeitado à relação simbólica que, por antecedência lógica, faz do objeto a causa da estruturação do sujeito do inconsciente.

A marca do próximo, semelhante, do outro, do objeto, da Coisa, fixe-se no núcleo, fazendo assim com que o Eu se constitua a partir do Outro, e de forma que o mais íntimo seja “extimo”. O *Nebenmensch*, o semelhante, o próximo, o único a poder auxiliar, é o primeiro objeto de satisfação e o primeiro objeto hostil. Através da semelhança, isto é, do não idêntico, o Eu aprenderá a se reconhecer no outro, no semelhante, ao mesmo tempo em que aprenderá a reconhecer o semelhante. Sendo das Ding o incompreensível, o impossível de dizer, de se reencontrar, é a propriedade da Coisa que permite qualquer encontro. Freud nos diz que, se o desejo se inscreve e é a mola do funcionamento do aparelho psíquico, é porque a busca pela identidade só é possível pela semelhança. E que uma vez inscrita a marca da Coisa, sua busca se repetirá quer pelo pensamento, quer pela alucinação. Não resta ao organismo possibilidade que não seja a de fazer o circuito da repetição (MARTINS, 2001, p.15).

Continua Martins, para Lacan, essa Coisa (*das Ding*), como o objeto causa de desejo, é possível pensar nesse reencontro impossível com o gozo; podendo dizer que o desejo, em busca do objeto na repetição pela via do pensamento, prende-se a dependência do ser à linguagem, barrando o gozo. O princípio da realidade adia a busca do objeto pelas suas características e a atividade metonímica do desejo. É a repetição do percurso de *das Ding*, recorrência que possibilita ao sujeito da linguagem se conectar aos objetos metonímicos do desejo. O gozo é tido como a totalidade mítica com a mãe enquanto a Coisa (*das Ding*) que está perdida desde sempre (MARTINS, 2001).

Dessa forma, no trabalho de Lucero e Vorcaro (2013), o objeto ganha toda a importância na ideia lacaniana da sublimação, em contraste à formulação freudiana, que concede a sublimação, como desvio quanto à meta da pulsão. Em Freud, a sublimação é delineada para alvos não sexuais, reconhecidos pela cultura. Modificando a meta da pulsão, Lacan eleva o objeto a dignidade da coisa (*das Ding*), este se colocando no lugar do que nos falta.

Ao sublimar, o sofrimento psíquico é atenuado, os sintomas diminuem. Ainda é um enigma pensar no motivo pelo qual uns sublimam e outros não, mas pode-se dizer que a inibição é um impeditivo sublimatório.

Tendo em conta o fosso que separa a psicanálise da arte, seu propósito é apenas dar testemunho de que a prática da letra converge com o uso do inconsciente e nada mais. Podemos dizer que, se em uma obra há algo que concerne à fantasia do criador, a fantasia não comparece ali como véu a ser interpretado e sim como núcleo duro, osso, resíduo, que tal como o umbigo do sonho não é passível de interpretação (FALBO, 2017, p.30).

Segundo Mendes (2011), a sublimação tenta intermediar dois vazios, pois elucida a ligação da satisfação pulsional com o impossível. A arte é uma feitura de saída para esse impossível, divergindo da religião e da ciência, que aparecem como outras maneiras de se sair do embaraço. A religião cobre o vazio para evitá-lo. O desejo é visto como pecado e, como reparação, aparecem as orações e supostas absolvições. A falta de sentido da morte é encoberta pela ideia de vida eterna. O religioso apazigua místico a angústia com a fé. A ciência rechaça o vazio, apresentando-se como um saber pleno e, assim, mantendo o indivíduo a ela submisso, ficando o sujeito no lugar de quem sofre seus efeitos. A arte se revela diferente, constitui-se como criação e lida com o vazio. Ela repete, dessa forma, o modelo da criação, que se origina a partir do nada. O artista desenvolve sua admiração. A pulsão, em última alçada, visa à morte como o findar das tensões. Eros, a pulsão de vida, dificulta esse trajeto de desmonte. “O belo une e separa as pulsões de vida e as pulsões de morte, deixando entrever esse amálgama entre Eros e Thanatos” (CRUXÊN, 204, p.58).

Freud traz o artista como criador que lida com seus conteúdos inconscientes, indo além do recalçamento, transformando esses conteúdos em novos objetos, como forma de feitura para o impossível, trabalhando concomitantemente com o familiar e o desconhecido (FREUD, 1919).

Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, o que é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Todo prazer estético que o escritor criativo proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devido à possibilidade que o escritor oferece de, dali em diante, podermos nos deleitar com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha. (FREUD, 1908, p.158).

Para Mendes (2001), a sublimação, se não assegurou uma conformidade psíquica do próprio sujeito artista, obtém em dar a compartilhar as vivências de temor e encantamento, presentes em suas obras, das quais somos espectadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discorremos, para Freud, a sublimação é uma das vicissitudes da pulsão. Assim, a sublimação torna o objeto estético ou científico. Com Lacan, o conceito de sublimação adquire um contorno completamente diferente. Ele define a sublimação como a elevação do objeto à dignidade da coisa. Lacan transforma o objeto em um signo que representa a universalidade da impossibilidade de acesso ao objeto. Dessa forma, na medida em que a criação vai ocorrendo, conseqüentemente acontecem efeitos sublimatórios, que parecem decorrer de uma retirada da libido da inibição, sintoma e angústia. E essa disponibilidade faz com que alguém sublime, trazendo notícias de um possível contorno para o mal-estar contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 6.ed. RJ: Martins Fontes, 2012.

BAAS, B. **O desejo puro**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BASTOS, A. B. I. **A escuta psicanalítica e a educação**. *Psicólogo informação*. São Paulo: ano 13, n.13, pp.91-97, dez. 2009.

BRAGA, M. L. S. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 81-91, 1999. Acesso em: 20 nov. 2020.

CECCARELLI, P.R. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 33-41, set. 2009.

CRUXÊN, O. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FALBO, G. ***a*-bordagens da arte em psicanálise**: sublimação, psicobiografia e sinthoma. Opção Lacaniana online nova série ano 8, número 22, mar. 2017.

FOCHESATTO, W. A cura pela fala. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG, n. 36, pp. 165-172, dez.2011.

FRANÇA, O. **Freud e a sublimação**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago,1908.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, v.VII,1996.

\_\_\_\_\_. **Personagens Psicopáticos no Palco**, 1906.

\_\_\_\_\_. **Escritores criativos e devaneio**, v.IX, pp.147-158, 1910.

\_\_\_\_\_. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**, v.XI. 1913.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**, v.XIII. 1995.

\_\_\_\_\_. **Pulsão e seus destinos**, v.XIV, 1915.

\_\_\_\_\_. **O estranho**. v. XVII, 1919.

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica**, v.I. 1996.

\_\_\_\_\_. (1932). **Por que a guerra?** [Carta a Einstein, 1932]. In: Freud, Sigmund. *Obras completas*, v. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Trad. Paulo Cesar Souza. 1.ed. SP: Cia das Letras, 2016. pp.417-435.

FUKS, B. **O homem Moisés e a religião monoteísta** – três ensaios. O desvelar de um assassinato. Coleção passo a passo. Nina Saroldi (Org). 1.ed. Rio de Janeiro:Zahar, 2014.

GAY, P. **Freud, uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GARCIA-ROSA, L.A. (1905). **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GONZÁLEX-REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KALLAS, M.B. L. M. **Poesia, psicanálise e ato criativo**: uma travessia poética, in *Psicanálise e contemporaneidade: arte, literatura, poesia, humor, corpo, pânico, anorexia, bulimia*. São Paulo, 2010

KOLTAI, C. **Totem e tabu**: um mito freudiano. Coleção para ler Freud. Nina Saroldi (Org.), 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LACAN, J. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Seminário de 1959-1960), 1988.

\_\_\_\_\_. **O Seminário – Livro 22**: RSI. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de La Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, p.465. 1967.

LUCERO, A; VORCARO, A. **Do vazio ao objeto**: das Ding e a sublimação em Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Ágora, 2013.

MARTINS, A. O complexo do próximo na constituição do eu e como fonte originária dos motivos morais. *Fort-da*, n.4, **Revista de Psicoalísciscomniños**, 2001.

MELMAN, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC, 2003.

MENDES, E. **Pulsão e sublimação**: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. Belo Horizonte: Reverso, 2011.

QUINET, A. **O Inconsciente Teatral**: psicanálise e teatro: homologias. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2019.

RABINOVICH, D. **A angústia e o desejo do Outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ROCHA, Z. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. **Rev. Latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 17, n. 3, supl. 1, p. 761-774, set., 2014.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

SAROLDI, N.. **O mal-estar na civilização**: as obrigações do desejo na era globalizada. Coleção para ler Freud. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SIQUEIRA, E. O sentido da escuta. In: SIQUEIRA, A. J. (org.). **Palavra, silêncio e escuta**. Textos psicanalíticos. Recife: UFPE, p.73-81. 2007.

SOUZA, E.; ENDO, P. **Sigmund Freud**. Porto Alegre: L-PM., 2009.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica. São Paulo: Artmed, 1999.

*Submetido em 01/06/2022*

*Aceito em 31/08/2022*